

SILVIA LEINER VENCI

A MULHER GOSTA DE FUTEBOL: MITO OU VERDADE?

Monografia apresentada
como requisito final para a
obtenção do grau de pós-
graduado em Administração
Esportiva pela Universidade
do Esporte (UFPR)

Orientadora Prof. Dr. Irene
Duran

**CURITIBA
2003**

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
1. INTRODUÇÃO	1
2. PAIXÃO SENTIMENTO	5
3. A MULHER E O FUTEBOL	19
3.1 A HISTÓRIA DA MULHER NO FUTEBOL	19
3.2 MITO OU VERDADE?	21
4. A ATUALIDADE	27
4.1 UM ESPORTE EM ASCENSÃO	27
5. CONCLUSÃO	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

RESUMO

O estudo *A Mulher e Futebol* têm por objetivo principal aproximar a mulher deste esporte até hoje tipicamente masculino e explicar o quanto e de que forma ele influencia a sua vida. Esse tema surge com a força de ser algo novo, realizado por uma pessoa envolvida intimamente com o assunto. Com vontade de realizar um trabalho verdadeiro que demonstre o poder do futebol e suas conseqüências, de maneira a traduzir um pouco o sentimento que envolve com tanta força o espectador e o objeto de sua paixão "o futebol".

PALAVRAS-CHAVES: mulher, futebol, sentimento, paixão.

ABSTRACT

The study the Woman and Soccer have for main objective to approach the woman of this sport until today typically masculine and to explain how much and have that she forms it influences its life. This subject appears with the force of to be something new, carried through for involved people intimately with the subject. With will to carry through a true work that demonstrates to the power of the soccer and its consequences, in way to translate a little the feeling that involves with as much force the spectator and the object of its passion "the soccer".

KEY WORDS: women, soccer, feeling, passion.

1. INTRODUÇÃO

Não se pode negar que a questão da análise do gênero, no caso da mulher, merece o reconhecimento de que elas não são mais as mesmas. Ocupam, cada vez mais, postos de responsabilidade em todos os ramos da atividade humana, participam, não raramente de forma contundente, na economia do lar e, nas atividades esportivas. A exemplo de outros ramos da atividade humana, são mães, esposas e brasileiras que representam dignamente o país. Em alguns campos, equipara-se tranquilamente ao gênero masculino, mas decididamente continuam a sofrer discriminações da imprensa escrita e falada.

Este trabalho abordará essa relação tão instável entre o homem e o futebol. A influência da mulher dentro do universo masculino é sem dúvida dentro do nosso principal esporte, que é o futebol.

Nada contra a beleza feminina, mas sabemos todos que a sexualidade feminina no esporte é tratada com a hipocrisia que convém à normalidade dos repórteres e comentaristas heterossexuais.

Sob a ótica de Joe Clark (1995).

"Começa a explicar a contradição, alegando que repórteres e redatores fazem de tudo para esconder qualquer sinal de homossexualidade, inclusive porque a exposição da realidade distrairia o mito que preenche páginas de jornais, serve de assunto para entrevistas e não se pode demolir o próprio trabalho de construção do mito. Assim é que sexo e esporte não devem relacionar-se, os que não têm o poder da mídia nas mãos, incluindo os atletas, se perguntam até quando a cobertura esportiva evitará a retratação da realidade, notadamente em espaços da sociedade onde a beleza física certamente atrairá de forma mais intensa a sexualidade de atletas e dos repórteres e redatores esportivos".(JOE CLARK, 1995)

O fato é que a mídia esportiva não reconhece de forma aberta a sensualidade de craques musculosos e de corpos femininos perfeitos, negando a correlação sexo-vida, ainda que os atletas aceitem a correlação com naturalidade.

O cultivo do corpo, a sedução pelas metas e marcas a serem alcançadas e pela musculatura transformam o físico da mulher. Todas essas idéias fizeram parte da nossa pesquisa bibliográfica sobre a mulher e o esporte de competição, principalmente o futebol, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (GEPPSE). O trabalho mostrou como a mulher é obrigada a desenvolver um perfil másculo (que nada tem a ver com lesbianismo) para competir, e ainda sofre com discriminações de gênero, cor, raça e com a sobrecarga de treinamentos e competições que têm um único fim: a vitória. Afinal, o esporte é um dos maiores negócios do mundo. É um sistema

que exige rendimento para assegurar a sua sobrevivência, pois a dimensão tecnológica e científica que o esporte de competição assumiu não comporta indivíduos que não tenham capacidade atlética apurada. Em outras palavras: quem não rende, está fora.

Nesse mundo competitivo, a mulher abre mão do que se convencionou chamar feminilidade – passividade, ternura, obediência – em troca de agressividade, liderança, ambição, ou seja, masculinidade. Quando são aceitas nessa comunidade, elas ingressam no restrito clube do esporte profissionalizado, remunerado e do custo-benefício. Todo sacrifício é pouco para continuar no topo. A preparação farmacológica não tem fronteiras sexuais, em uma demonstração clara que o esporte de rendimento é um sistema "*sui generis*" que incorpora quaisquer tipos de estereótipos sexuais. O que leva uma mulher a jogar futebol? O chamado "ideal próprio". Lembremos das nadadoras chinesas – tipos andróginos – que assombraram o mundo com índices técnicos cada vez mais próximos aos dos homens. Os argumentos de dois pesquisadores (Harris e Oglesby) mostram que a verdadeira personalidade da mulher que busca a superação dos limites humanos mediante a prática do esporte de competição é andrógina.

Essas mulheres "másculas", que atuam no cenário do futebol, esporte-espetáculo pagam um preço muito alto perante a sociedade: a negação do próprio sexo, da própria identidade; logo, comportamentos sociais e personalidade feminina são identificados como masculinizados. Aqui, o modelo exemplar é que tantos homens quanto mulheres estão subordinados às

normas do poder, pensamentos e combatividade de acordo com o racionalismo tecnológico.

Mas nem todas as diferenças fisiológicas entre os sexos favorecem os homens. A mulher tende a ser mais resistente a certas lesões, como a tendinite ou distensão muscular, por causa da inserção dos músculos no esqueleto e nos ligamentos, o que facilita a participação feminina em esportes que exigem mais flexibilidade e elasticidade. A ciência e a tecnologia têm um papel preponderante ao esporte neste final de século. Elas são responsáveis pelo desenvolvimento e aprimoramento físico dos atletas em geral.

2. PAIXÃO SENTIMENTO

Futebol é um tema forte que se sustenta pela complexidade e variedade de assuntos que contém, tais como sentimentos do ser humano, influência da mídia, interação das torcidas, entre outros. Além do próprio interesse que aguça no público alvo - o torcedor - e que ao mesmo tempo é também o personagem principal. Exatamente por esse tipo de abordagem, este trabalho terá como diferencial as dúvidas sobre os diferentes tipos de paixão do homem pelo seu time formando assim um público formador de opinião.

A paixão é um dos sentimentos que mais influenciam as pessoas a atingirem seus objetivos. Esse sentimento pode ser externado de diversas maneiras. O esporte é a atividade em que se pode observar isso de maneira mais visível. A paixão não tem raízes racionais, nem pode ser contida com facilidade. O esporte desperta uma característica muito marcante no ser humano, a competição. A vitória e a derrota afetam o orgulho de atletas, dirigentes esportivos e em particular do torcedor. O último é atingido de maneira muito intensa e é influenciado de forma imprevisível.

Cada cultura tem seu próprio modo de apropriação das paixões.

Uma das mais contundentes paixões do brasileiro está em um esporte em particular. O FUTEBOL.

O futebol que leva tantas pessoas aos estádios, contagia grandes massas, faz a razão se perder durante 90 minutos e às vezes até por mais tempo. Esse sentimento tão forte e contagiante que embriaga os torcedores é a expressão de um desejo que se concretiza na emoção do grito de gol. *“Tudo o que faz ou acontece de novo é chamado pelos filósofos de paixão”* (LEIBNIZ, 1993). O homem realiza seus feitos impulsionados pela paixão orientada pela razão.

Na relação entre o seu time do coração e o torcedor, existe uma tênue linha entre paixão e certas vezes ódio momentâneo. Não existe nada pior do que perder uma partida, porém perder para o maior rival do seu time é ainda mais intolerável, se, além disso, a partida acontecer no seu estádio, não existe palavra que exprima tal revolta.

Apesar destes altos e baixos o verdadeiro torcedor nunca deixa de amar o seu time, por vezes o amor pode ser abalado, mas como em uma relação homem e mulher basta um momento de reconciliação (uma vitória convincente) que tudo volta ao normal.

Tendo esta realidade como parte integrante de tudo o que envolve o futebol, administrar um time de futebol não é tarefa que se possa equiparar com a administração de uma empresa. O futebol conta com a paixão deve-se considerar a angústia do torcedor na derrota e sua euforia na vitória.

Às vezes, o sentimento toma conta por completo da massa torcedora e isto pode causar reações imprevisíveis e incontroláveis. E é dessa relação passional entre torcedor e seu time que faz do futebol um esporte tão diferente

na maioria dos países do mundo. No Brasil em especial o futebol torna-se tão apaixonante e desenvolvido.

A participação de homens e mulheres no futebol tem origens diferentes. No período de introdução do esporte no Brasil, os praticantes pertenciam a uma elite influenciada pelos ingleses. Com a profissionalização, outros grupos e classes integraram-se no esporte. Com o futebol feminino aconteceu o contrário. A presença da camada mais humilde prevaleceu no início.

As pioneiras foram estigmatizadas. Para serem aceitas tiveram que desenvolver modos muito parecidos com o dos homens

Só a partir da década de 80 o futebol feminino passou a ter um novo significado, com a criação da Liga Carioca de Futebol Feminino e partidas beneficentes que reuniram modelos e artistas. Atualmente clubes, prefeituras e universidades, dentre outros, estimulando o esporte.

No futebol ser malandro é quase uma obrigação, já que o adjetivo está associado à esperteza e habilidade. O termo representa o indivíduo que transita entre a ordem e a desordem, sendo esta uma festa “malandra”, isto é debochada, sem dono.

Mas o que tende a predominar nos meios de comunicação, na mídia em geral e, portanto, na indústria cultural, em especial à esportiva são os signos, símbolos e emblemas, ou os tipos e os mitos, dos setores sociais dominantes, em escala nacional, regional e mundial. A indústria cultural é uma poderosa “máquina do mundo”, sem a qual não se forma a “aldeia global”, metáfora ou conceito de um mundo carente de história.

Vale a pena reconhecer que alguns dos “lemas” da modernidade envolvem não só “dilemas” e “enigmas”, mas também “antinomias”. Ou seja, o que se pode sintetizar na metáfora “desencantamento do mundo”, enquanto desenvolvimentos da ciência, filosofia e arte da modernidade, são também um vasto, intrincado e contraditório processo, com implicações ontológicas e epistemológicas. Essas são implicações que se podem observar quando a reflexão se debruça sobre os contrapontos “servo e senhor”, “alienação e emancipação”, “razão crítica e razão instrumental”, entre outros. Seguramente é difícil, se não impossível, afirmar que tanto histórica como teoricamente esses dilemas resolve-se nos tempos modernos. O que sim se pode afirmar, é que se desenvolvem, são contínua ou periodicamente lançados em outros termos e em outros contextos, assim como se recriando em suas linhas mestras, enquanto enigmas ou antinomias.

O comportamento humano tem sido estudado em dimensões explicadas como “domínios”: *cognitivo, afetivo e psicomotor*. COLL (1996), aponta a dimensão afetiva como importante e afirma que essa fragmentação da análise do comportamento resulta em consequências negativas, para a escolaridade e formação do ser humano.

BLOOM (1976), explica que a divisão de domínios (cognitivo, afetivo e psicomotor) “é tão antiga quanto à filosofia grega”, e acrescenta que a pesquisa sobre a personalidade e aprendizagem levanta questões sérias a respeito do valor dessas distinções simples.

O que é possível observar, no contexto esportivo é prioridade do domínio afetivo. A ênfase é dada aos aspectos do ganhar e perder, e nunca passam despercebida.

Nunca se falou tanto na importância das emoções como nos últimos tempos. Crescem os cursos voltados ao desenvolvimento da inteligência emocional e os livros de “auto-ajuda”. Sem dúvida, a mídia populariza demais as informações a respeito desse tema e o assunto, às vezes, acaba sendo apresentado sem a devida cientificidade. Por outro lado, a sociedade parece que começa a tomar consciência da importância das emoções do ser humano e de como é fundamental para sua saúde e felicidade, desenvolver a dimensão emocional. Na arte de viver em sociedade, na verdade, lidamos todo o tempo com os sentimentos e a incapacidade de lidar com as próprias emoções pode destruir vidas e acabar com carreiras promissoras.

É importante ressaltar que, quanto mais a ciência aprofunda as pesquisas do cérebro, mais se evidencia a admirável capacidade humana de mudar estados de consciência, hábitos e atitudes indesejáveis. O Homem é um ser emocional e não há nada de errado com isso. As emoções podem colaborar no processo de criatividade e na criação de relacionamentos mais humanos e afetuosos, proporcionando maior harmonia e equilíbrio entre as pessoas. Além disso, toda essa discussão atual sobre o valor das emoções em nossas vidas, leva a uma valorização das pessoas emocionalmente mais inteligentes.

Os fatores afetivos são os que despertam nas pessoas a sensação de gostar ou de não gostar, de agradável ou de desagradável. A diferença que

há entre o intelectual e o afetivo é que no primeiro se toma conhecimento dos fatos e no segundo se atribui uma tonalidade afetiva do gostar, mais ou menos.

"A afetividade é uma classe ampla de sucessos mentais que incluem sentimentos e emoções", (Neto, 1971, p. 100).

Há inúmeros fatores de diferenciação das personalidades, mas já se pode adiantar que cada pessoa difere segundo o maior desenvolvimento das funções intelectuais, efetivas e ativas. Por ativa, se entende a atividade motora que ora não faz parte de nossa meta de pesquisa. O homem teórico deveria ter o sentimento, a inteligência e a vontade totalmente desenvolvidos, mas, tal não acontece de uma só vez porque *"em geral se possui um predomínio da inteligência, outro do sentimento, e um terceiro da vontade", (KELLY, 1969, p.212)*. Quando o indivíduo tem a inteligência desenvolvida, diz-se que ele é intelectual. Predomina-se o sentimento, diz-se sentimental. A vontade corresponde ao voluntarioso, o que sabe querer e sabe conseguir o que quer.

"O conhecimento está ligado ao sentimento mesmo que a pessoa não tenha consciência disso, e os fenômenos afetivos são os resultados da tonalidade afetiva que envolve cada pessoa, num determinado momento". (FONTOURA, 1969, p.303).

Essa afetividade é a maior ou menor capacidade de gostar ou de não gostar das coisas, de agradar ou aborrecer-se com o mundo que rodeia o indivíduo.

Os sentimentos abrangem os estados de consciência alegres ou dolorosos, agradáveis e desagradáveis, satisfatórios ou insatisfatórios, os quais

resultam da maneira como o objeto afeta a pessoa. Entretanto, os sentimentos compreendem somente os processos elementares da vida ativa, isto é, o prazer e a dor. O termo doloroso aplica-se principalmente aos sentimentos resultantes de condições orgânicas, tais como lesões e ferimentos.

Contudo há estados mentais resultantes de outras causas, como o exercício ou o desuso excessivo das faculdades, aptidões, capacidade e estados que também são chamados dolorosos. É comum, porém usar o tempo desagradável aplicado a todas as fases da vida mental. *"O termo agradável aplica-se aos sentimentos resultantes do exercício saudável, vigoroso normal e harmônico"*. (KELLY, 1969, p.147).

Pode-se dizer que o sentimento é empregado como sinônimo de emoção, pois há um conceito que diz que *"emoções são sentimentos que representam estados de perturbação de equilíbrio fisiológico"*. (KELLY, 1969, p.148).

Sentimentos e emoções são semelhantes em muitos aspectos e diferentes em muitos outros. Sua semelhança está no fato que suas construções causam o mesmo tipo de respostas. Suas diferenças consistem em que os sentimentos são mais tênues e brandos, definidos muitas vezes, como emoções suaves.

Os sentimentos considerados como emoções suaves se aproximam de uma atividade apreciativa. Por esta característica, por possuírem um forte componente cognitivo e por se constituírem em emoções suaves, muitas vezes, atitudes, interesses, apreciações e valores são também definidos como sentimentos.

Porém, sentimentos não se confundem com emoção, pelo fato que emoção é passageira e sentimento é o resultado de uma elaboração lenta, mas duradoura. A emoção é violenta, o sentimento é mais calmo. Uma emoção dura alguns instantes, um sentimento pode durar a vida inteira.

Mesmo com essas diferenças não é fácil separar os dois fenômenos, na realidade o sentimento tende a degradar em emoção. Muitas vezes, parece que uma pessoa possui determinado sentimento, quando na verdade possui apenas as atitudes exteriores, isto é, emocionais correspondentes a esse sentimento, daí dizer que *“o sentimento é uma emoção transformada e define emoção como conjunto de sentimentos”*. (KELLY, 1969, p.148).

KELLY (1969) diz que os sentimentos podem ser considerados em quatro grandes classes: religiosos, éticos ou sociais, estéticos, intelectuais ou lógicos. Também podem ser considerados em três grandes grupos: egoístas, altruístas e impessoais.

A importância dos sentimentos é enorme na existência do homem, pois eles dão colorido e sentido à vida. Sem eles, o mundo seria frio e calculista. A inteligência sozinha não bastaria. Sem os sentimentos, ela é indiferente como uma máquina.

Na vida diária, toda atividade é inútil, ou pelo menos pouco frutífera, quando não comandada pelos sentimentos. Só se faz as coisas que se gosta de fazer. O amor vence os obstáculos, descobre soluções para casos impossíveis e o mestre orienta através do amor os mais indisciplinados alunos.

Não se pode falar em afetividade, sem conhecer os sentimentos que a envolvem, como no caso da emoção. Para tanto, fazemos nossas as palavras de Neto, quando diz:

"O termo emoção é muito mais amplo que o vocábulo sentimento, quer dizer movimento para fora e supõe uma ação ou tendência à ação que tem origem numa necessidade interior e é dirigida para fora. A emoção é composta de um ou mais sentimentos simples, além das sensações, imagens, idéias e tendências para agir".
(NETO, 1971, p.100).

Muito mais complexa que o sentimento, pois de acordo com NETO (1971), ela pode ser definida como um conjunto de sentimentos, sensações e imagens, além de idéias e tendências para a ação caracterizada por mudanças fisiológicas ou pela agitação de certas condições orgânicas, dirigida a um objetivo específico.

Percebe-se que emoção, comportamento emocional, estado emocional é para designar os estados afetivos em geral e suas manifestações. Já outros restringem o uso da palavra emoção, fazendo uma diferenciação entre ela e outras modalidades do comportamento. Essa natureza do processo emocional não é simples e tem causado muita complexidade, muita controvérsia, entre os psicólogos, a respeito da natureza exata da emoção.

A área da emoção é complicada pela falta de concordância geral quanto à definição básica da natureza do conceito, pois enquanto alguns

acreditam que a emoção é um processo inteiramente distinto da motivação, outros afirmam que as emoções são na realidade, classes de motivos.

Alguns teóricos mantêm que a emoção difere da motivação porque esta exerceria um efeito perturbador e desorganizador sobre o comportamento, outros como MURRAY (1978), acreditam que a emoção pode organizar o comportamento, tanto quanto um motivo, uma vez que a emoção prepara o organismo para a ação. Um exemplo do quanto à emoção pode organizar o comportamento, é aquele dado por Robert Leeper, teórico que se manifestou fortemente contra a idéia de que as emoções sejam necessariamente desorganizadoras.

Sabe-se, porém, que tanto a emoção como a motivação, podem também desorganizar o comportamento. Na verdade, os níveis moderados de emoção têm, de modo geral, propriedades organizadoras sobre o comportamento, orientando-o para um fim. No entanto, a emoção extrema é mais desorganizadora e pode ter efeitos perturbadores sobre o comportamento.

Há centenas de emoções, juntamente com suas combinações, variações, mutações e matizes.

"Os pesquisadores continuam a discutir sobre precisamente quais emoções podem ser consideradas primárias - o azul, vermelho e amarelo dos sentimentos dos quais saem as misturas - ou mesmo se existem de fato essas emoções primárias".(GOLEMAN, 1995, p.305)

Alguns teóricos concordam que haveria famílias básicas de emoções, como: Ira, tristeza, medo, prazer, amor, surpresa, nojo e vergonha.

A ira é acompanhada de sentimentos como: fúria, revolta, ressentimento, raiva, exasperação, indignação, vexame, acrimônia, animosidade, aborrecimento, irritabilidade, hostilidade e, talvez no extremo, ódio e violência patológicos.

Em relação à tristeza, os sentimentos são relacionados a sofrimento como: mágoa, desânimo, desalento, melancolia, autopiedade, solidão, desamparo, desespero e, quando patológica, severa depressão.

Já o medo, refere-se ao estado de ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto, terror, e como psicopatologia, fobia e pânico.

Por outro lado, o prazer está diretamente relacionado à felicidade, alegria, alívio, contentamento, deleite, diversão, orgulho, prazer sensual, emoção, arrebatamento, gratificação, satisfação, bom humor, euforia e, no extremo mania.

O amor significa aceitação, amizade, confiança, afinidade, dedicação, adoração, paixão.

Em se tratando da surpresa, os estados provocados por esta emoção são: choque, espanto, pasmo, maravilha.

A família de emoções representada pelo nojo desencadeia desprezo, desdém, antipatia, aversão, repugnância e repulsa.

Na vergonha, os sentimentos que surgem estão ligados à culpa, vexame, mágoa, remorso, humilhação, arrependimento, mortificação e contrição.

Sem dúvida, haveria outras combinações, como por exemplo, os ciúmes, uma variação da ira que também funde tristeza e medo. Daí a dificuldade de classificar as emoções precisamente.

Contudo, a defesa da existência de emoções básicas depende em certa medida da descoberta por EKMAN (apud GOLEMAN, 1995, p.306), de que as expressões faciais de quatro emoções conhecidas (medo, ira, tristeza, e alegria) são reconhecidas por povos de culturas de todo o mundo, inclusive povos pré-letrados, o que sugere a universalidade dessas expressões faciais das emoções.

Todas as emoções são em essência, impulsos para agir, planos instantâneos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu. A própria raiz da palavra emoção é movere, "mover" em latim, mais o prefixo "e", para denotar "afastar-se", indicando que uma tendência a agir está implícita em toda emoção.

"A mente emocional é muito mais rápida que a mente racional, saltando à ação sem parar um momento sequer para pensar no que está fazendo. Sua rapidez exclui a reflexão deliberada, analítica, que é a característica da mente pensante". (GOLEMAN, 1995, p.307)

EKMAN (apud GOLEMAN, 1995), sugere que essa rapidez, em que as emoções podem nos tomar e nos levar a uma ação é essencial para que sejam tão adaptáveis: pois mobilizam-nos para responder a fatos urgentes, sem perder tempo.

Sem dúvida, cada emoção prepara o corpo para um tipo de resposta única e com os novos métodos para perscrutar o corpo e o cérebro, os pesquisadores estão descobrindo mais detalhes fisiológicos de como essa preparação se processa.

Da mesma forma, na surpresa, a emoção também prepara o corpo. O erguer das sobrancelhas permite a adoção de uma varredura visual mais ampla, e também maior quantidade de luz a atingir a retina. Isso oferece mais informação sobre o fato inesperado, tornando mais fácil perceber exatamente o que está acontecendo e conceber o melhor plano de ação.

Entre as principais mudanças fisiológicas da felicidade, está uma maior atividade no centro cerebral, que inibe os sentimentos negativos e favorece o aumento da energia existente. Além disso, silencia aqueles que geram pensamentos de preocupação, trazendo um estado de tranquilidade, que faz o corpo recuperar-se mais depressa do estímulo de emoções perturbadoras. Essa configuração oferece ao corpo um repouso geral, assim como disposição e entusiasmo para qualquer tarefa imediata e para marchar rumo a uma grande variedade de metas.

Com o medo, o sangue vai para os músculos do esqueleto, como os das pernas, tornando mais fácil fugir - e faz o rosto ficar lívido, uma vez que o sangue é desviado dele (criando a sensação de que "gela"). Ao mesmo tempo o corpo imobiliza-se, ainda que por um momento, talvez dando tempo para avaliar se se esconder não seria uma melhor reação. Além disso, circuitos nos centros emocionais do cérebro disparam a torrente de hormônios que põem o

corpo em alerta geral, tornando-o inquieto e pronto para agir, e a atenção se fixa na ameaça imediata, para melhor calcular a resposta a dar.

Uma das principais funções da tristeza é ajudar a se ajustar a uma perda significativa, como a morte de alguém, ou uma decepção importante. A tristeza traz uma queda de energia e entusiasmo pelas atividades da vida, em particular diversões e prazeres e, quando se aprofunda e se aproxima da depressão, reduz a velocidade metabólica do corpo. Esse retraimento introspectivo cria a oportunidade para lamentar uma perda ou uma esperança frustrada, captar suas conseqüências para a vida e, quando a energia retorna, planejar novos começos.

Poderiam ser descritas outras emoções e ficaria claro o quanto que estas preparam efetivamente o corpo para ações distintas.

A maioria dos autores concorda que a atitude seja uma predisposição aprendida, de fundo emocional, para pensar, sentir, perceber e agir consistentemente, de maneira favorável ou desfavorável, em relação a uma pessoa, idéia ou objeto. Essa predisposição, no entanto, não pode ser observada diretamente, ela é inferida de uma variedade de respostas, de natureza diversa, observáveis a partir da análise do comportamento do indivíduo.

Sem dúvida nenhuma, as atitudes, embora não inerentes ao homem, uma vez aprendidas são essenciais para ele. Além disso, estas exercem função fundamental de orientação do comportamento, necessária à saúde do próprio Homem e da sociedade.

3. A MULHER E O FUTEBOL

3.1 A HISTÓRIA DA MULHER NO FUTEBOL

Na Grécia Antiga, os esportes eram uma aproximação entre os homens e os deuses, mulheres eram proibidas de praticar qualquer atividade esportiva. Os homens vencedores eram vistos como aqueles que estavam mais próximos dos ideais de perfeição física, moral e psicológica. As mulheres por serem consideradas um apêndice dos homens não podiam ter uma vida independente, por isso em uma das versões do mito de Ártemis, quando o pai reconhece Atalante em função do orgulho que esta lhe trouxe, por ser uma grande velocista e ter caçado o javali que a todos amedrontava, sua primeira providência é arrumar um marido nobre para a filha que impõe uma condição: casaria apenas com aquele que a vencesse em uma corrida, os que perdessem seriam mortos por ela. Exigência que afastava os pretendentes e impedia a entrada do amor em sua vida.

Analisa-se a seguir, dentro de uma ótica social e histórica, as relações entre a mulher e o futebol, "seus significados históricos", ou seja, o significado do futebol no Brasil, por um lado, e a visão acerca da mulher, por outro.

No sentido de uma "discriminação", ou para melhor dizer, "marginalização" da mulher em relação aos esportes, visto que um dos fatores da "exclusão" feminina da prática do futebol seria sua inadequação física ao esporte; assim, trata - se de uma preocupação estética, conforme já vimos. Mas, em relação ao futebol, em especial, uma concepção que parece datar desde seu estabelecimento no país como esporte nacional, torna ainda mais tensa a relação deste com a mulher.

Historicamente, segundo dizem os autores, o único acesso feminino ao futebol era sua tímida presença nos estádios. Com a popularização do esporte e sua fatal adesão pelas camadas mais diversas da sociedade, de grupos da mais variada condição social, entre outros fatores, fez com que mesmo uma simples presença no estádio, como espectadora, tornasse duvidoso o caráter feminino. Eram esportes apreciados pela elite, condição assumida pelo futebol, no início de sua vigência no país. Assim se explica a presença de mulheres nos estádios, uma vez que "participavam" como espectadoras de eventos. Mas o que decide sobre as relações entre a mulher e o futebol, sobretudo, é seu caráter "rude" e "violento", e, portanto, não adequado para a prática feminina.

A partir dos fatos apontados acima, passa-se a perguntar sobre a razão pela qual o futebol brasileiro tem sido considerado como um esporte eminentemente masculino.

Primeiro isto ocorre devido a um prévio juízo sobre a mulher e, segundo, pelo domínio masculino nos esportes em geral, o que levou a uma "padronização de gestos, atitudes, comportamentos e até mesmo práticas

desportivas diretamente relacionadas com o gênero masculino". A partir daí, a exclusão da mulher é fatal. Repete - se aqui o que já vimos na abordagem de Ludmila Mourão: *"O domínio de uma preocupação estética, preocupação esta que chegou a ponto de tornar - se Lei Federal a proibição da prática do futebol pelas mulheres"*.

Esta concepção dominante, inicialmente uma visão global da mulher nos esportes e, depois, em relação ao futebol, chega a conquistar a adesão de atletas femininas em relação a este último. A razão desta adesão é uma já existente diferenciação entre os sexos existentes na ordem social, com atribuições de estereótipos a cada um deles.

Inicialmente, portanto, como mal se consegue evitar a entrada feminina no futebol, e devido a sua ideologia vigente, a mulher que adere ao futebol passa a ter sua feminilidade questionada; o que parece ter tornado difícil sua aceitação até o final dos anos 70, atingindo um maior reconhecimento no início dos anos 80.

3.2 MITO OU VERDADE?

Muito do que se diz e se escreve sobre o gênero feminino baseia-se em constatações, a começar pelo fato de que no caso do esporte a reprodução da "praxes" é fácil de ser observada e constatada.

A questão da entrada do sexo oposto nos vestiários voltou a surgir em 1990, quando o proprietário de um time de futebol (Victor Kiam), mesmo contra a lei, proibiu mulheres no vestiário do time. A repórter Lisa Olson opôs-

se à proibição, agüentou a enxurrada de piadas, mas recorreu à liga nacional de futebol que arrecadou cerca de 70 mil dólares do time de futebol.

A mulher nem sempre é consciente dos seus próprios problemas e não percebe claramente o tratamento que recebe da mídia e da sociedade em geral. A questão da mulher esportista está ligada ao fator rendimento, mas as pesquisas apontam para o fato de que as mulheres, nas tarefas simples, repetitivas, atingem rendimentos superiores aos dos homens. Isto já foi comprovado em todos os estudos e experiências acumuladas nos meios de trabalho. E mais, possuem aptidões que os homens não têm: habilidade manual, precisão de gestos, sincronização mais fácil de movimentos. São os pares de qualidades psicológicas que fazem com que mulheres aceitem trabalhos mais entediantes, tenham maior resistência à monotonia e que somadas ao processo de socialização oferecem resultados óbvios.

O fato é que o trabalho feminino é menos valorizado. Por exemplo, enumeremos no Brasil o número de redatoras e locutoras esportivas que conhecemos e veremos que a mídia esportiva pertence ao mundo dos homens. A mulher é vista, analisada, comentada, classificada, mitificada ou não pelos homens aos quais, decididamente, não convém misturar sexo e esporte, mas é preciso começar a aceitar, reconhecer e não ocultar as várias formas de interação e atração humana, sejam elas classificadas como normais ou alternativas.

O fato é que devemos reconhecer que esportistas (homens ou mulheres) nos chamam atenção pela sexualidade e gostamos de vê-los porque

negar a sexualidade é transformar homens em máquinas. *“Homens é que sois, já nos dizia Chaplin”*.

A luta das mulheres por uma melhor situação na sociedade, nos mais diversos campos, tem sido árdua, porém vitoriosa. Ainda que haja espaço para muitas outras conquistas, é inegável o avanço alcançado em várias áreas e em especial na esportiva.

O Futebol espelha a cultura. Pertence à cultura de uma região, de um país. Em qualquer cultura, há sempre muitos estereótipos em vigor. Papéis de homens e mulheres já mudaram muito, mas persistem. Não é mais tão estranho ver um homem levando os filhos à escola nem uma mulher ao volante de um carro.

Na nossa cultura, futebol = esporte de /e para homens. Sempre houve mulheres nos estádios, nas redações, nos clubes. Mesmo assim...

Mentira consagrada: mulheres não gostam ou não entendem de futebol. Se não entendem, é porque não gostam! Não gostando, não entendem porque os homens gostam tanto. Não têm o menor interesse.

Outra mentira: futebol não pode ser jogado por mulher.

Exige força e resistência? Como todo esporte.

As qualidades do craque não são essas, mas sim o drible, a finta, a malícia, a "ginga" - elementos femininos!

Por mais imperfeições e desigualdades que possa apresentar, o esporte é um agente fundamental de transformação social para a mulher. Principalmente a partir da segunda metade do século, quando os meios de comunicação, sobretudo a televisão, passaram a fazer parte do espetáculo,

interferindo, alterando o seu formato e fazendo o show. Este foi também um período marcado por muitas vitórias dos movimentos feministas.

Com o assédio da indústria do esporte sobre a mídia eletrônica, surgiu um casamento indissolúvel no qual a mulher também chegou ao poder, apesar de trilhar um terreno repleto de armadilhas e vitaminado pelo preconceito.

No esporte de alto rendimento e na sociedade, a trajetória da mulher tem o símbolo da conquista, da luta por um espaço estreitado pelo homem. As vitórias sociais não são muito diferentes das esportivas: lentas, graduais e sólidas. Mas foi preciso quebrar o preconceito e passar a fazer parte do espetáculo para se chegar ao maior resultado: o respeito.

Essas mudanças, entretanto, ainda não permitem à mulher uma posição confortável no futebol. Padrões conservadores são determinantes e imperam em todos os segmentos. Em muitos casos, julga-se o comportamento da mulher-atleta dentro de um princípio estritamente masculino. Ora tenta-se masculinizá-las, explicando, assim, sucesso e competência. Ora ignora-se sua capacidade para competir e assumir outros postos. Seja diretamente no âmbito esportivo ou no produto dos meios de comunicação.

A união esporte-mídia tem conseguido algumas vitórias, como desfazer um sentido histórico de fragilidade e submissão à figura feminina. Mas está longe de dar uma valiosa e definitiva contribuição à questão. O "uso" da mulher no futebol esbarra freqüentemente em deslizos que visam enaltecer a beleza, colocá-la em primeiro plano, como se um sorriso bonito turbinasse a disputa por marcas, resultados e recordes.

Tradicionalmente as mulheres sempre foram consideradas diferentes, submissas, inferiores e dependentes dos homens. A própria forma de entender o corpo humano e as suas distintas valorizações no meio social e esportiva são diferenciadas.

A dificuldade de participação esportiva das mulheres verifica-se pelas lendas e mitos criados sobre a masculinização e riscos à saúde das mulheres caso elas se tornassem praticantes do futebol; sendo assim foram criados estigmas e concepções que limitaram e deturparam a versão atlética feminina. Nota-se que os estereótipos tradicionais foram caindo por terra com a própria adaptação e conquistas da mulher no campo esportivo, mas com custos altos, às vezes, como por exemplo, a busca da identidade - do "Ideal-próprio" dos homens (DEL PINO, 1971) reforçando possibilidades de igualdade entre os sexos através de uma androginia. Além de termos a utilização da mulher como objeto sexual também usado nesse setor - e com esses dois ícones a mídia continua identificando diferentemente o futebol feminino. Assim, sentimentos de manipulação, exploração e despersonalização podem ser vistos como problemas e contradições que são próprios de cada modalidade esportiva e não em função da capacidade de rendimento individual das mulheres e dos homens.

O futebol permite a participação de todos biotipos. Diego Maradona foi durante muitos anos o melhor jogador do mundo e sua estatura pode ser comparada a da média da mulher americana. Este fator estimula a participação de maior número de meninas que embora não consigam chutar a bola com tanta força quanto os meninos, driblam bem e passam com muita precisão. O

apoio financeiro de patrocinadores importantes e a provável conquista, pela Segunda vez, do campeonato mundial feminino, certamente transformarão os EE.UU. No país do futebol e levarão muitos homens ao estádio mas só para assistirem o sucesso das mulheres.

Finalmente, dir-se-ia que, se no passado as mulheres ficaram subordinadas ao poder de maior prestígio e valor dos homens, quer por discriminação, desigualdades sexuais e/ou pelo auto-conhecimento da imagem das mulheres na sociedade, hoje, voltam-se contra quem as discriminou, quer no esporte quer em qualquer tipo de situação machista. Elas, apesar do preconceito que ainda perdura em relação à sua participação na sociedade, têm mantido os estereótipos sexuais no esporte de competição. Afinal de contas, o igualar-se aos homens, através de níveis hormonais, ou via de comportamento, nada mais é do que comprovar que gostariam de ser como os homens, e que não é isso que as mulheres desejam e, sim, que elas, com suas características particulares, possuem os seus méritos.

Não há necessidade das mulheres "brigarem" contra o seu concorrente direto na sociedade e no esporte: o homem - mas marcar presença como um importante agente de transformação social e estarem dispostas a conquistar seu espaço social e não tomá-lo dos homens. Neste jogo coletivo entre homens e mulheres não pode haver vencedor nem vencido e sim o empate técnico que reconhece o espaço de ambos.

4. A ATUALIDADE

4.1 UM ESPORTE EM ASCENSÃO

A mulher está, cada vez mais, conquistando este esporte, que no Brasil é culturalmente praticado pelo sexo masculino. Apesar dessas dificuldades, muitas atletas praticam o futebol por paixão ao esporte. Por isso, o futebol feminino, nos anos noventa, inevitavelmente, tem se tornado um esporte em ascensão.

Este estudo tem como principal ponto norteador demonstrar aos profissionais de Educação Física o crescente interesse das mulheres pela prática do futebol enquanto atividade física e conseqüentemente a evolução do crescimento do futebol feminino dentro do universo esportivo brasileiro, nos anos noventa, segundo a mídia especializada, após a olimpíada de Atlanta. Orientar os profissionais de educação física que pretendem trabalhar com o futebol feminino acerca das razões que levam as mulheres a praticarem o futebol de forma a contribuir cada vez mais para a ascensão do futebol feminino.

Atualmente, um torneio feminino é um dos mais belos espetáculos que esse esporte pode proporcionar: os altos prêmios, contratos de publicidade

e uma vida de estrelato fizeram com que um maior número de mulheres se dedicassem com afinco a suas carreiras, resultando em primorosos desempenhos.

Apesar de alguns países já preferirem o tênis feminino ao masculino, que peca agora pelo excesso de força no saque e pouca duração dos pontos, não é difícil encontrar jogadores indignados com a igualdade dos prêmios e jornalistas machistas analisando as pernas ou o tamanho do nariz das nossas atletas. Por mais que seja difícil para alguns, é preciso admitir que os tempos mudaram!

O “desencantamento do mundo” é um processo que atravessa os tempos modernos. Não se realiza plenamente. Desenvolve-se, reitera-se, diversifica-se e continua. Não termina nunca, envolvendo a filosofia, as ciências e as artes, tanto quanto os modos de ser, pensar, sentir, agir, imaginar e fabular. Traduz-se em formas de sociabilidade, modos de organizar o trabalho e a produção, relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, superstições e religiões no que se refere aos diferentes setores do espaço público. Simboliza-se no predomínio da reflexão, envolvendo a compreensão e a explicação, sob o signo da razão. Um processo intrincado, atravessado por impasses e perspectivas, em geral surpreendentes, aterradores ou fascinantes.

Ocorre que o mundo tem sido e continua a ser um emaranhado de tradições, superstições, magias e religiões, impregnando amplamente os modos de ser, pensar, sentir, agir, imaginar e fabular de indivíduos e coletividade. São encantamentos que freqüentemente irrompem na filosofia, ciências e artes, impregnando inclusive as formas de sociabilidade, os modos

de organizar o trabalho e a produção, as relações, os processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica, as formas de alienação e as condições de emancipação. São muitas as modalidades de encantamento, presentes e ativas, ou hibernando e latentes, nas atividades de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo.

Quanto ao universo masculino do futebol, o homem por sua vez leva certa vantagem em relação às mulheres no campo futebolístico. Aprendem desde pequenos a gostar e a jogar, por isso entendem. A mulher não aprende. Gosta, mas não entende as táticas do jogo, as posições dos jogadores, a tabela dos campeonatos, etc. Para aprender tem que ser autodidata, porque os homens não têm paciência para explicar que o futebol não é só um espetáculo. Como o universo feminino é muito amplo, não se gasta tanto tempo com conversas sobre futebol. A mulher gosta de futebol, assiste e hoje em dia até joga, mas sem exageros e sem obsessão, afinal há muito mais coisas no mundo feminino do que a vã filosofia dos homens.

No Brasil o principal esporte praticado é o futebol. As alegrias, frustrações, conquistas, agonias e outros, são transferidos para 11 pessoas (o time pelo qual se torce) que dentro do campo têm a responsabilidade de fazer com que uma bola de couro, decida qual será a explosão da torcida; raiva, amor, decepção, compreensão ou um misto de todas elas. O homem leva para os estádios um emaranhado de sensações que carrega de sua vida cotidiana. Todos esses sentimentos são filtrados e transportados em um só, dependendo do andamento e do resultado de uma partida.

5. CONCLUSÃO

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos... Os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada...

As mulheres que assumiram o futebol como esporte quer profissional quer amador, algumas craques de bola, outras nem tanto, ganharam espaço nas transmissões de televisão e atraíram torcida com jogadas de qualidade - ou até mesmo pela falta de habilidade. Um campeonato de futebol leva cerca de duas mil pessoas ao estádio por rodada dupla e ostenta a alta média de 6,2 gols por partida. O quarto lugar conquistado pelo Brasil nas Olimpíadas de Atlanta alçou o futebol feminino à categoria de esporte da moda. E, para romper em definitivo com as resistências machistas, as equipes, por ironia, se valeram de um artifício machista: o marketing da beleza.

Desenvolvendo sua capacidade de atuação em distintas áreas, inclusive em campos originalmente masculinos, como o esporte. Afinal, o

esporte nasceu e ainda hoje se caracteriza como um meio de atuação e expressão masculino, tomando parte na construção histórica e social do estereótipo do homem e da mulher e de suas naturezas.

Esta pesquisa bibliográfica fundamentou-se na hipótese de que as mulheres inseridas em contexto predominantemente masculino buscam uma identidade feminina. Especificamente, procurou descobrir como a mulher que joga futebol define-se e comporta-se dentro de sua atuação, como concebe sua identidade feminina e de quais recursos utiliza-se para afirmar essa identidade, incorporando, ou não, traço considerado masculinos.

O conceito de gênero forneceu à pesquisa elementos e reflexões sobre essa discussão, pois gênero indica a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios a homens e mulheres, referindo-se às origens sociais das identidades subjetivas masculina e femininas.

Como referência teórica e metodológica para a elucidação do processo de estruturação, adequação e afirmação da identidade feminina no esporte, esta pesquisa bibliográfica apoiou-se no estudo das representações sociais, neste caso, de jogadoras de Futebol de Campo.

Foi possível desvelar dimensões de feminilidade e de seus mecanismos psicossociais de distinção e definição, bem como perceber a ampliação das fronteiras do que histórica e socialmente era definido como natureza feminina. Sem anular ou ignorar as diferenças entre o masculino e o feminino, questionou-se o absolutismo desses conceitos, buscando captar uma versão atualizada do feminino e refletindo sobre uma nova concepção de masculino e feminino num contexto de liberdade, igualdade e participação.

Os resultados indicam algumas mudanças expressivas no processo de emancipação da mulher no esporte, associadas ao sistema periférico. As evidências apontam para liberação crescente da prática esportiva feminina: maior mobilidade da mulher no campo esportivo, diminuição das restrições à prática de modalidades esportivas consideradas masculinas, diminuição do controle da família e do contexto micro-social sobre a escolha esportiva. Por outro lado, resistem mais firmemente as representações sociais nucleares: o espaço esportivo continua sendo concebido como típico do homem, que domina a cena esportiva em termos de cargos, honrarias, prestígio na mídia, patrocínio e retorno financeiro. Conclui-se que o processo de emancipação da mulher brasileira na prática do esporte, encorajado por algumas mulheres-ícones, vem se dando de modo não confrontativo, configurando um mecanismo de ocupação de espaço de forma não violenta, com estratégias eficazes em termos de prática, e menos eficazes em termos das representações. Comprova-se que as mulheres esportistas continuam a arcar com o ônus das avaliações negativas e restritivas, associadas à troca do espaço privado pelo espaço público no esporte. A tese fornece evidência positiva para a hipótese de que as representações e as práticas associadas a um mesmo campo simbólico, embora dinamicamente diferentes, engendram-se reciprocamente.

6. BIBLIOGRAFIA

- BLOOM, B. S. **Taxionomia de objetivos educacionais – 1 Domínio cognitivo.** Porto Alegre: Globo, 1972.
- BLOOM, B. S.; KRATHWOHL, D. e MASIA, B. B. **Taxionomia de objetivos educacionais.** Compêndio 2º - Domínio Afetivo: Editora Globo, Porto Alegre, 1976.
- CAMPBELL, J. **As transformações do mito através do tempo.** São Paulo, Editora Cultrix, 1993.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces.** S.Paulo: Editora. Cultrix, 1977.
- CLARK, J. **Sexo, esporte e hipocrisia.** Conteúdo erótico do esporte jamais é discutido. Folha de São Paulo, 5 de março de 1995 p.6-6,6-9.
- COLL, C. **Psicologia e Currículo: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar.** São Paulo: Ática, 1998.
- COLL, C; PALACIOS, J. e MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. V.2.
- COX, R. H. **Sport Psychology.** University of Missouri-Columbia, Ed. McGraw-Hill. LUCHE. São Paulo: Siciliano, 1988.

FRANCO, G.S. **Psicologia no Esporte e na Atividade Física**. Santos, Ed. Manole, 2000.

FREITAS, S. G. **A Comunicação Social como instrumento do poder**. Tese de doutorado. ECA/USP, 1988.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HOLLANN, W.-Hettinger, **Medicina do Esporte**. São Paulo, Ed. Manole, 1989.

JUNG, C.G., e KERÉNYI, C. **Essays on a Science of Mythology**. Princeton, N.J.: Princeton/Bollingen, 1969.

KLAFS/Lyon. **A Mulher Atleta**. Brasil. Ed. Interamericana, segunda edição

LEIBNIZ, G.W. - **Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano**, Lisboa, Edições Colibri, 1993.

LOURÃO, Ludmila. **Análise do Discurso Da Educação Física**, Tese de Mestrado apresentada a Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro em 1999.

MURRAY, E. J. **Motivação e Emoção**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NETO, S. P. **Psicologia da adolescência**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1971.

PERREAULT, M. **A diferenciação sexual no trabalho: condições de trabalho diferentes ou uma questão de sexo?** In: Chanlat, Jean François (org.) O indivíduo na organização. Dimensões esquecidas. Vol. II. S. Paulo, Atlas, 1994.

PINO, Carlos Castilla del. **Teoria de la alucinación. Una investigación de teoría psico(pato)lógica**, Madrid, Alianza Editorial, 1984

SHARMAN-BURKE, J., Greene, Liz. **O tarô mitológico**. Tradução de Anna Maria Dalle

WOOLGER, J.B.; WOOLGER, R. J. **A Deusa Interior**. São Paulo: Editora. Cultrix, 1978.